

POLÍTICA TIRÂNICA E INDIGNAÇÃO ÉTICA NO ROMANCE TERRA DE CARUARU, DE JOSÉ CONDÉ

Eli Brandão da Silva¹
Hudson Marques da Silva²

RESUMO: Este trabalho tem como principal objetivo discutir as relações entre ética, moral e política no romance Terra de Caruaru, de José Condé. A obra, publicada em 1960, romanceia o surgimento da cidade de Caruaru, situada no agreste pernambucano, ainda no século XVIII, e, posteriormente, seus desdobramentos na década de 1920. Com base nas definições de ética, moral e política tanto na ótica aristotélica (ARISTÓTELES, 1979; 1985) quanto de pensadores modernos, como Arendt (2003; 2004) e Sung e Silva (1999), analisa-se como se dá a presença da tirania no romance, impressa na personagem Ariosto Ribas, bem como suas semelhanças e diferenças com Creonte, da tragédia grega Antígona, de Sófocles. Ao comparar os tiranos, tomam-se como base os estudos abordados em Koivukoski e Tabachnick (2005) sobre os modelos de tirania na Antiguidade e na Idade Moderna. Para isso, considera-se ainda a abordagem comparada de Carvalhal (2006), Remak (1961) e Swarnakar (1998). Conclui-se que a personagem Ariosto Ribas demonstra-se um tirano ainda mais desmedido do que o modelo tirânico antigo, tal como Creonte, pois suas ações são demasiadamente autocentradas e sem qualquer sustentação social e política, o que gera a indignação ética na sociedade caruaruense retratada na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Moral; Política; Tirania; Caruaru.

ABSTRACT: This paper aims to discuss about the relationships among ethics, moral and politics in the novel Terra de Caruaru, by José Condé. This novel, published in 1960, portrays the origin of Caruaru city, located in Pernambuco countryside, in the 18th century, as well as its developments in the 1920s. Based on both Aristotelian definitions about ethics, moral and politics (ARISTÓTELES, 1979; 1985) and modern authors, such as Arendt (2003; 2004) and Sung and Silva (1999), it analyses how tyranny takes place in the novel, focusing on Ariosto Ribas, and his differences and similarities to Creon from the Greek tragedy Antigone, by Sophocles. In order to compare both tyrants, it considers the studies approached in Koivukoski and Tabachnick (2005) about the tyranny models in Ancient Times and Modern Age. For that, it also considers the comparative method by Carvalhal (2006), Remak (1961) and Swarnakar (1998). It concludes that Ariosto Ribas is even a more unconscionable tyrant than the ancient tyrannical model, such as Creon, because his actions are completely self-centered and with no social and political ground, what causes the ethical indignation in Caruaru society portrayed in the narrative.

KEYWORDS: Ethics; Moral; Politics; Tyranny; Caruaru.

Introdução

Ética, moral e política, três conceitos, ou fenômenos, que se entrelaçam e caminham de mãos dadas em qualquer organização social. Aristóteles (1979), em sua concepção de *bios politikos*, já compreendia o cidadão como um ser político, especialmente por conviver em

¹ Doutor em Ciências da Religião e Professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, Depto. de Letras, Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. E-mail: elibrandao.uepb@gmail.com

² Doutorando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. E-mail: marqueshudson@hotmail.com

sociedade. O próprio termo *politikós* deriva de *pólis*, que significa cidade ou estado em grego. A política está, portanto, inerentemente manifesta nas interações humanas, regente da vida coletiva. Ao retomar o pensamento aristotélico, Hannah Arendt (2003; 2004) introduz o conceito de *victa ativa*, que pressupõe a vida política como ação. Para a filósofa, a política consiste em prática que, por seu turno, se configura como ação. Desse modo, tanto Aristóteles (1979), que tinha em sua ética o caminho para a prática de hábitos virtuosos em nome do bem da *pólis*, quanto Arendt (2003; 2004), para quem o sujeito individual não pode modificar o mundo – pode até servir de catalizador para mudanças, mas a ação só se consolida na pluralidade – concentram na coletividade a fonte de sua ética.

É nessa esteira que este ensaio se propõe a caminhar. Observar, analisar, problematizar e discutir, no campo da literatura de ficção, questões éticas, morais e políticas, com foco na figura do tirano e da indignação social que ele faz emergir. Para tal, tem-se como *corpus* de estudo o romance *Terra de Caruaru*, de José Condé, cuja personagem Ariosto Ribas será eventualmente comparada a Creonte, personagem rei de Tebas na tragédia grega *Antígona*, de Sófocles. Embora com enredos e autores situados histórica, geográfica e culturalmente em contextos tão distantes, um na Caruaru brasileira do século XX e o outro na Grécia antiga do século V a.C., ambas as obras aproximam-se pelo perfil das personagens mencionadas, que, enquanto líderes de sua *pólis*, Caruaru e Tebas, respectivamente, assumem uma postura tirânica bem semelhante em alguns aspectos, cabendo a observação de similaridades e diferenças entre as duas personagens e sua relação com a ética política e social na composição do enredo.

Nessa etapa do ensaio, toma-se como princípio o estudo da literatura comparada, que “designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2006, p. 5). Contudo, não se pode deixar de levar em conta o que adverte Swarnakar: “Uma abordagem comparativa também deve ser sensível ao impacto nas obras literárias dos contextos específicos nos quais os autores as escreveram”³ (SWARNAKAR, 1998, p. 03, tradução livre). Portanto, não se busca indicar semelhanças entre o contexto geral das cidades de Caruaru e Tebas, mas demonstrar singularidades no comportamento dos dois tiranos. Embora não se possa afirmar – nem é pretensão aqui, já que não se trata de um estudo genético – que José Condé tenha realizado uma reescritura da tragédia grega, ainda que o

³ Original: “A comparative approach must also be sensitive to the impact on literary works of the particular contexts in which authors have written”.

estudo de Costa (2013) tenha apontado Sófocles como um dos autores presentes na biblioteca particular de José Condé, é importante considerar que

Estudando relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras, a literatura comparada não só admite, mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes (PERRONE-MOYSÉS, 1990, p. 94).

Nessa ótica, as relações inter e intratextuais nas obras literárias estão mais próximas do que se imagina. Voluntária ou involuntariamente, as literaturas de diversas origens e períodos históricos permanecem em constante diálogo, o que leva Remak a declarar que

A Literatura Comparada é o estudo da literatura para além das fronteiras de um país específico e o estudo da relação entre literatura e outras áreas do conhecimento e crença, tais como artes (pintura, escultura, arquitetura, música), filosofia, história, ciências sociais [...], religião etc. [...] é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana⁴ (REMAK, 1962, p. 03, tradução livre).

A partir desses pressupostos, este ensaio inclui a possibilidade de interlocução entre José Condé e Sófocles, com vistas para os mecanismos individuais e coletivos que operam ética, moral e política na representação do texto literário.

No romance *Terra de Caruaru*, a personagem Ariosto Ribas comanda, manda e desmanda nas principais decisões da cidade de Caruaru da década de 1920. Com a morte de seu pai, Ulisses Ribas, Ariosto assume o posto de coronel⁵ e, paulatinamente, vai se revelando ainda mais cruel, insensível, inconsequente e individualista do que seu antecessor. Na primeira seção deste trabalho, a comparação entre Ariosto e Creonte circulará em torno da prisão do garoto Jorge, que, inocentemente mantido na cadeia pública de Caruaru, a mando de Ariosto, chega a cometer um duvidoso suicídio, causando revolta na população. Ariosto não se sensibiliza com as súplicas para libertar o garoto, mesmo com o juramento de sua mãe, Noca, sobre sua inocência (CONDÉ, 2011, p. 147), nem com os pedidos proferidos por figuras importantes na cidade como o juiz Taveira, o engenheiro Reinaldo e o padre Nazareno

⁴ Original: “Comparative Literature is the study of literature beyond the confines of one particular country, and the study of the relationship between literature on the one hand, and other areas of knowledge and belief, such as the arts (e.g. painting, sculpture, architecture, music) philosophy, history, the social sciences [...], religion etc. [...] it is the comparison of one literature with another or others, and the comparison of literature with other spheres of human expression”.

⁵ O termo coronel é utilizado aqui no sentido de coronelismo, isto é, a estrutura de poder privada (o coronel) sobre o poder público, tendo como fortes características o mandonismo e o apadrinhamento.

(CONDÉ, 2011, p. 181). Esse comportamento, típico do tirano, pode ser também identificado em Creonte, quando nega os pedidos e argumentos de Antígona e de seu filho Hemon sobre o sepultamento de Polinice e condenação de Antígona, modificando sua postura somente depois das previsões de Tirésias (o sábio-cego). A intransigência, ou tirania, das personagens resulta em tragédias: a morte de Jorge, em Terra de Caruaru, e as mortes de Antígona, Hemon e Eurídice, em Antígona. Todas por suicídio.

Na segunda seção, aborda-se a ruína do tirano Ariosto, apontando de que modo a ética representa o ponto de partida para as mudanças ocorridas na sociedade caruaruense retratada no romance. Em outros termos, a forma como a ética historiciza a moral estabelecida, ao modificar as práticas sociais, sobretudo a tirania que desfavorece a coletividade. Toda essa mudança encontra sua origem no que Sung e Silva (1999) chamam de “indignação ética”, que ocorre quando uma comunidade se rebela contra as práticas desfavoráveis ao bem comum. A indignação ética não somente é retratada no romance como representa seu clímax, o ponto crucial para as mudanças que irão desfechar a narrativa.

O nascimento de um tirano na Terra de Caruaru

A cidade de Caruaru, representada no romance *Terra de Caruaru*, é erigida sob o sistema político dos coronéis, bem típico no interior brasileiro na década de 1920. Quando a região onde a cidade se desenvolve ainda é cercada por fazendas e por uma paisagem rural, os proprietários das terras são os líderes, característica do patriarcado rural brasileiro, a exemplo do comandante João Teixeira, que governa a região da Preguiça. Esses potentados investem disputas tanto contra os índios Cariri, predominantes na região, quanto entre si, como ocorre entre João Teixeira da Preguiça e o velho Leite da Jurema, nas primeiras páginas do romance: “– Agora, vão embora – disse João Teixeira. Vosmecês mandam na Jurema, aqui mando eu” (CONDÉ, 2011, p. 37). Mais adiante o comandante declara: “– Aqui a justiça sou eu” (CONDÉ, 2011, p. 40). Assim, as disputas são pautadas em dominação de terras e exercício do poder, os quais são conduzidos arbitrariamente.

É nesse cenário que nasce a Caruaru literária. Com seus 30.000 habitantes, a pequena cidade da década de 1920, que já apresenta indícios da modernidade ocidental, é configurada por palacetes, teatro, praças, pontes, igrejas, casas comerciais, automóveis, ferrovias, feira, entre tantos exemplos de uma sociedade urbanizada e industrial: “Com o dinheiro ganho, coronéis erguiam residências suntuosas, janelas abertas para jardins floridos, mobiliário das

melhores lojas da capital, cortinas de seda pura, tapetes, cristais; compravam carros ‘Ford’ e ‘Overland’” (CONDÉ, 2011, p. 45). Contudo, o sistema político da cidade mantém práticas arcaicas, com destaque para o mandonismo e os votos de cabresto. Trata-se de uma sociedade que, claramente, se encontra em um processo de transição do rural ao urbano, do arcaísmo à modernidade, da oligarquia a um modelo um pouco mais democrático.

O coronel Ulisses Ribas, mesmo sem cargo político oficial, é quem emite a última sentença para as decisões políticas da cidade no primeiro momento da narrativa. As personagens que exercem os principais cargos de comando, como o prefeito Zica Soares, o tenente Batista (delegado da cidade) e o juiz Taveira, obedecem aos ditames do coronel Ribas. A razão dessa subserviência emana do poder que Ulisses mantém de decidir os ocupantes de tais cargos, fazendo dessas personagens seus eternos devedores: “Ulisses Ribas nunca desejou ser prefeito. Satisfazia-o, inicialmente, a vaidade de saber que o homem que estava no Paço Municipal aí tinha sido botado por ele” (CONDÉ, 2011, p. 148).

Antes da metade da narrativa, na página 115, Ulisses Ribas é assassinado, deixando assim seu prestígio de coronel para o filho Ariosto Ribas, que, junto com seu pai, já exercia o poder sobre os habitantes da cidade, a exemplo da cena em que o velho bêbado José Inácio, sem intenções, por cuspir um pouco de cálice no sapato de Ariosto, recebe ordens de prisão:

Ariosto Ribas puxa-o bruscamente pela ponta da camisa fora da calça: - Está preso, seu atrevido. [...] É para aprender a respeitar. [...] Bote este cabra na cadeia. [...] Vamos, adiante – diz o soldado. – Que foi que fiz? Sou homem de paz, não bulo com ninguém. Cala a boca e toca pra frente. Ariosto retira-se. Comentando o ocorrido, mas indiferentes, os outros voltam para o interior da bodega (CONDÉ, 2011, p. 72-73).

Com a morte de Ulisses, Ariosto começa a inaugurar práticas cada vez mais intransigentes. Começa impedindo Dondon (amante de Ulisses) e seus dois filhos de verem o falecido: “– Pelo amor de Deus, me deixem entrar. Os meninos querem ver o pai pela última vez. Vestida de preto, xale na cabeça, Dondon estava transtornada. Quando Ariosto foi avisado, chamou um soldado: – Bote pra fora” (CONDÉ, 2011, p. 119).

Dondon, que antes era visitada pelos interesseiros da cidade, incluindo o prefeito Zica Soares e o tenente Batista, para pedidos de favores políticos (já que Ulisses Ribas atendia a todos os desejos da amante), agora passa a ser renegada, sendo ordenada por Ariosto a abandonar a cidade. O ódio de Ariosto contra a amante do pai reside no sofrimento e infelicidade de sua mãe, que sofrera no casamento em função do caso extraconjugal mantido pelo marido.

A próxima ação de Ariosto, que vai levar ao clímax do romance, é a prisão do jovem Jorge. Mesmo inocente – quem matara Ulisses Ribas, todos na cidade sabem, fora seu pai José Bispo –, é mantido na cadeia pública pelo delegado tenente Batista, que cumpre as ordens de Ariosto Ribas. A partir desse momento, um tirano começa a surgir. Proíbe o garoto de receber visitas: “– Ninguém pode falar com o preso; nem a mãe dele” (CONDÉ, 2011, p. 180). A expectativa de Ariosto é que o garoto informe onde o pai, José Bispo, se esconde.

O tirano acredita ser a própria lei, semelhante ao antigo João Teixeira da Preguiça. Em resposta ao pedido do juiz Taveira pela libertação do jovem, o tirano declara: “Admira que um juiz venha pedir uma coisa que está fora da lei” (CONDÉ, 2011, p. 181). Recusando todos os pedidos pela libertação de Jorge, Ariosto enfatiza: “não tenho medo de ninguém, quem manda aqui sou eu” (CONDÉ, 2011, p. 181). Esse comportamento é caracterizado como tirânico porque, como define Blitz, “À primeira vista, parece suficiente dizer que um regime que massacra seus cidadãos, escraviza-os, vulgariza seus caracteres e empobrece ou impede a liberdade de pensamento é tirânico”⁶ (BLITZ, 2005, p. 9, tradução livre). Mais adiante o teórico complementa:

A tirania é monarquia, o governo de alguém para sua própria vantagem ou engrandecimento no lugar do bem comum. O tirano extremo governa conforme sua escolha, ou seja, não pela lei, e possui poder total, forçado e, por fim, imperial sobre a maior quantidade de pessoas possível⁷ (BLITZ, 2005, p. 11, tradução livre).

Contudo, Ariosto deseja confirmar sua razão em diálogo com seu comparsa, o delegado tenente Batista: “– Não acha que estou no meu direito, tenente? Batista não responde. Ariosto, insistindo: – Não acha, tenente? – Acho” (CONDÉ, 2011, p. 181). Nessa cena, a postura do tirano assemelha-se à de Creonte, em *Antígona*. Diante da autodefesa da personagem *Antígona*, dos questionamentos de Hemon e dos rumores dos cidadãos tebanos, Creonte declara: “A cidade, acaso, me dirá como devo agir?” (SÓFOCLES, 2013, p. 53). O próprio Corifeu, seu aliado, chega a concordar com o discurso de Hemon sobre as ações equivocadas de Creonte: “Senhor, importa, se ele falou a propósito, refletir” (SÓFOCLES, 2013, p. 52). Mas isso não é suficiente para sensibilizá-lo.

⁶ Original: “At first glance it seems enough to say that a regime that slaughters its citizens, enslaves them, vulgarizes their characters, and impoverishes or prevents free thought is tyrannical”.

⁷ Original: “Tyranny is monarchy, the rule of one for his own advantage or aggrandizement rather than for the common good. The extreme tyrant rules according to his choice, that is, not by law, and has full, forceful, and ultimately imperial power over as many people as possible”.

Os questionamentos coletivos da sociedade caruaruense, acompanhadas do silêncio do tenente Batista, bem como as reclamações da sociedade tebana e a aparente discordância do Corifeu não servem para evitar as mortes das vítimas, visto que o tirano é autossuficiente, não se rende à opinião alheia. Ao analisar a postura do tirano, Aristóteles relata que

É típico dos tiranos ter aversão aos homens altivos e independentes, pois somente os tiranos pretendem ter estas qualidades, e o homem que contrapõe sua altivez à do tirano e demonstra independência despoja-o de seu sentimento de superioridade e de dominação; por esta razão os tiranos odeiam tais homens, considerando-os uma ameaça à sua autoridade (ARISTÓTELES, 1985, p. 203).

Em outras palavras, o tirano não somente não cede ou não atende a conselhos, como condena os sujeitos que emitem qualquer opinião contra a sua própria, visto que, para ele, isso representa ameaça a sua posição de dominação. Como diz Zuckert, “Os tiranos são e sempre foram egoístas”⁸ (ZUCKERT, 2005, p. 04, tradução livre).

As consequências da tirania é que, em Terra de Caruaru, o suicídio do garoto Jorge gera a indignação ética da população, que será tratada na seção seguinte. Na tragédia grega, por sua vez, o suicídio de Antígona destrói a família de Creonte, mediante as mortes do filho Hemon, que comete suicídio ao ver sua futura esposa falecida, e da esposa Eurídice, que também retira a própria vida ao saber do suicídio do filho.

Em comparação, Ariosto corresponderia a Creonte, ambas as personagens assumindo a postura tirânica perante uma sentença questionável e questionada. Jorge corresponderia a Antígona, por representarem os réus, ambos aprisionados e, por isso, cometerem o suicídio por enforcamento. O tenente Batista corresponderia ao Corifeu, um mediador, que está sempre ao lado do tirano, ainda que, em alguns momentos, demonstre não concordar com suas decisões. O juiz Taveira corresponderia a Hemon, por falar direta e abertamente com o tirano, enfrentando-o em favor dos réus, e sendo negado. E o padre Nazareno corresponderia a Tirésias, na medida em que são vistos como figuras sagradas, com uma sabedoria divina – o padre enquanto representante do Deus cristão católico e o sábio-cego enquanto profeta, habilidade recebida de Zeus.

Ao avaliar o contexto geral das duas obras, notam-se também disparidades entre os dois tiranos. Creonte é, oficialmente, o rei de Tebas. Sua tirania não circula em torno de seus interesses pessoais, mas da manutenção de sua posição de rei, o que se encaixa bem nas considerações de Aristóteles (1985) citadas anteriormente. Ético ou não, seu governo é

⁸ Original: “Tyrants are and have always been selfish”.

voltado para a cidade, como a própria personagem afirma: “E quem, acima da pátria, estima o amigo, declaro-o ninguém, pois eu [...] não silenciarei percebendo a ruína ameaçar os cidadãos, nociva ao bem-estar” (SÓFOCLES, 2013, p. 18). Note que a sentença contra o sepultamento de Polinice é baseada em sua traição ao povo tebano. E o de Antígona, por desobedecer às ordens do rei. Entretanto, ao final da peça, Creonte se arrepende de suas ações, tenta mudá-las em tempo, mas sem sucesso. Com o suicídio coletivo de sua família, o tirano assume: “O único culpado sou eu, e nenhum outro. Eu, só eu foi quem matou, miserável. Eu, falo a verdade. Já, guardas, tirai-me sem demora. Eu não sou nada, sou menos que ninguém” (SÓFOCLES, 2013, p. 89). Vale destacar que, em Antígona, a religiosidade é ponto de partida e ponto de chegada. Todas as personagens, incluindo o próprio Creonte, colocam os deuses como guias de suas ações. Inclusive, o centro da discussão entre Creonte e Antígona sobre o sepultamento de Polinice é teológico. Antígona questiona as leis de Creonte que estariam em desacordo com as leis divinas. O próprio desfecho trágico da peça é atribuído, pelas personagens, aos deuses, que teriam castigado Creonte por tentar ser superior a eles, como declara Tirésias: “O que fizeste não é permitido [...] Quem comete tais crimes será procurado pelas Fúrias dos deuses e da Morte, infatigáveis, para ser punido com os mesmos males” (SÓFOCLES, 2013, p. 74-75).

No que se refere a Ariosto Ribas, deve-se destacar que, diferente de Creonte, ele não possui nenhum cargo de comando oficial na cidade. Utiliza-se de sua influência, deixada pelo legado do pai, para decidir o futuro dos cidadãos caruaruenses com base nos interesses particulares: o aprisionamento de Jorge sustenta-se apenas na vingança pessoal pelo assassinato de Ulisses. O descompromisso de Ariosto com os cidadãos é declarado abertamente: “Que se dane a cidade – gritava Ariosto” (CONDÉ, 2011, p. 122). Na cena em que o prefeito Zica Soares tenta impor sua autoridade ao tirano, tem-se a seguinte reação: “Virou-se, pôs-se a gritar: - Prefeito? Prefeito? Você não passa de um merda, Zica. Um merda, ouviu? Quem é você para me proibir de fazer alguma coisa?” (CONDÉ, 2011, p. 260). Com isso, o prefeito renuncia o cargo. O presidente da câmara, Caldeira, também se resigna a assumir a prefeitura. Ambas as personagens se unem aos revoltados contra a política tirânica de Ariosto, que passa a se autoneamar prefeito da cidade: “– Pois bem, o prefeito agora sou eu” (CONDÉ, 2011, p. 268). Durante toda narrativa, diferente de Creonte, Ariosto não se arrepende de suas práticas. Só perde sua posição à força, com a chegada do capitão Rodolfo, vindo da capital do estado, a mando do governador, para manter a ordem em Caruaru. As

ações de Ariosto não possuem qualquer fundamento legal, coletivo ou religioso, baseando-se apenas em suas próprias vontades. Portanto, torna-se sensato afirmar que Ariosto é um tirano mais desmedido do que Creonte. Para reforçar essa conclusão, cabe notar que o garoto Jorge, pela imatura idade e também pela precária formação, demonstra-se mais vulnerável que Antígona. Jorge não consegue se defender ou apresentar argumentos tão contundentes como Antígona. Além do mais, Antígona é condenada por uma ação: sepultar o irmão Polinice contra a ordem de Creonte. Jorge, por outro lado, é aprisionado inocentemente, sem cometer qualquer prática contra a vontade de Ariosto, mas simplesmente por ser filho do “criminoso”.⁹ Nesse prisma, Zuckert vai dizer que “A tirania moderna é, além do mais, reconhecidamente diferente da tirania antiga. Ela é pior”¹⁰ (ZUCKERT, 2005, p. 04, tradução livre).

Uma evidência bem marcante de que os tiranos da modernidade podem ser piores que os antigos reside nos genocídios do século XX, liderados por tiranos como Hitler, Stalin, Pol Pot, entre outros. Em seu estudo sobre a tirania moderna, Boesche ressalta que

algumas novas características emergiram em algumas tiranias do século vinte, características que permitiram surgir uma nova espécie de tirania, a qual chamei de tirania genocida. Todas as tiranias são violentas, mas nem todas utilizaram um modo sistemático de matar uma expressiva quantidade de sua população. Isso foi algo novo no século vinte¹¹ (BOESCHE, 2005, p. 33, tradução livre).

Portanto, ainda que não tenha iniciado práticas genocidas, Ariosto Ribas é referenciado como um tirano moderno, por sua violência, inconsequência, egoísmo exacerbado e ações sem qualquer fundamento além de sua vontade pessoal. Esse comportamento conduz a narrativa para o seu clímax a ser discutido a seguir.

Indignação ética na Terra de Caruaru

O termo “moral” deriva do latim *mos, mores*, que significa costumes. A moral está, assim, estampada nos hábitos, crenças, valores, na cultura de modo geral, de uma sociedade. A moral representada em Terra de Caruaru está, dentre outros aspectos, na política do

⁹ As aspas são utilizadas pela subjetividade que o crime de José Bispo carrega. O crime é uma reação, uma defesa, após anos de sofrimento, agressões físicas e verbais, impedimento de uma vida livre, cometidos pelo coronel Ulisses Ribas.

¹⁰ Original: “Modern tyranny is, moreover, admittedly different from ancient tyranny. It is worse”.

¹¹ Original: “a small number of new features emerged in some tyrannies of the twentieth century, features that allowed a new species of tyranny to emerge, what I call genocidal tyranny. All tyrannies are violent, but not all set out in a systematic way to kill a substantial portion of their population. This was something new in the twentieth century”.

mandonismo, dos interesses, do apadrinhamento e da subserviência que têm como seus líderes Ulisses Ribas e, mais enfaticamente, Ariosto Ribas. Ao refletir sobre a postura das personagens caruaruenses que permitem a perpetuação dessa moral, são apropriadas as palavras de Sung e Silva segundo as quais

Geralmente seguimos as normas da sociedade ou do nosso grupo social, e, assim, nos sentimos dentro da normalidade. E isso nos dá a segurança e o alívio de não termos que nos responsabilizar das tomadas por outros (SUNG; SILVA, 1999, p. 12).

Com base nisso, as personagens caruaruenses são identificadas, antes da morte de Jorge, como acostumadas, conformadas, acomodadas. Carecia-se de uma reflexão ética. A palavra ‘ética’, diferentemente de moral, deriva do grego *ethos*, caráter. A ética repensa, pois, as práticas morais. De acordo com Barbosa, a ética consiste na “ciência ou disciplina que se ocupa da conduta humana (social, política, artística etc.)” (BARBOSA, 2013, p. 03). Mas não apenas se ocupa da conduta humana, mas “permite abrir o que a Moral fechou, romper o que a Moral tornou sistêmico, historicizar o que a Moral atemporalizou e universalizou” (BARBOSA, 2013, p. 04). Portanto, nas palavras de Sung e Silva, “Ética seria então uma reflexão teórica que analisa e critica ou legitima os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral (dimensão prática)” (SUNG; SILVA, 1999, p. 13).

Pensando sobre esses conceitos no romance, nota-se que as práticas tirânicas de Ariosto Ribas, principalmente em torno de Jorge, fazem surgir uma revolta na população caruaruense. Além das ações tirânicas que desfavorecem o povo, a indignação ética é fortalecida a partir das personagens Reinaldo, Chico Lima e Antônio Teixeira. O primeiro, recém-chegado do Rio de Janeiro, não está habituado com o mandonismo local, além de estar livre de seus cabrestos políticos. Reinaldo, desde o início da narrativa, caminha na contramão dos demais habitantes da cidade. Por isso, ele é o único que se dispõe a ajudar José Bispo, perseguido pelos Ribas, a conseguir emprego, já que nenhum outro cidadão caruaruense ousaria contrapor o coronel. A esposa de Reinaldo, Noêmia, também é a única mulher da cidade que conforta e recebe em sua casa Dondon depois da morte de Ulisses. O casal carioca é livre das amarras, das práticas morais persistentes em Caruaru, o que será fundamental para sua superação. Chico Lima, por sua vez, representa o articulador da indignação ética. Proprietário do jornal da cidade, O Combate, o jornalista protesta contra as ações de Ariosto tanto em diálogos com o prefeito e outros cidadãos caruaruenses quanto nas matérias publicadas no jornal, o que fortalece o posicionamento crítico dos leitores. Já o jovem

Antônio representa a mudança das novas gerações. Tataraneto do antigo comandante João Teixeira da Preguiça, Antônio sonha com uma nova Caruaru, livre do sistema do coronelismo. Em conversa com sua mãe sobre o assassinato cometido por José Bispo, Antônio relata:

- Está certo, mamãe. Mas teve lá suas razões para matar. Matava ou jamais tomava prumo na vida. Seria sempre um homem desmoralizado. Além disso, tenho para mim que o gesto de José Bispo é mais significativo do que pode parecer: foi a primeira reação contra esse regime de coronelato do interior, em que uns poucos abusam do poder pela força e pelo dinheiro. É tempo de acabar com isso (CONDÉ, 2011, p. 128).

A declaração de Antônio demonstra para que veio: desconstruir um regime que teve seu tataravô como um de seus precursores. As ideias de Antônio, baseadas em uma reflexão ética, estão consolidadas. Em conversa com seu pai, Teotônio Teixeira, acompanhada pelo avô João Teixeira, neto do comandante João Teixeira da Preguiça, o jovem comenta sobre uma matéria que escrevera para publicação no jornal O Combate:

Digo que Caruaru precisa romper com seu acanhado espírito de política municipal, abrir escolas, construir um hospital, industrializar-se. E isso compete à gente moça. Precisamos deixar de ser “Princesa do Sertão”, a “terra dos avelozes esmeraldinos” e outras coisas mais (CONDÉ, 2011, p. 161).

Com a formação de opinião pública construída a partir das três personagens e das práticas perversas de Ariosto, o poder do tirano estaria por desmoronar. Após o suicídio de Jorge, a população começa a mobilizar-se. O silêncio anterior é rompido. “Falava-se, agora, abertamente, contra Ariosto Ribas” (CONDÉ, 2011, p. 184). O próprio juiz Taveira, antes subordinado aos ditames dos Ribas, rebela-se: “– Ariosto Ribas já passou dos limites. Amanhã mesmo vou comunicar o fato ao governador” (CONDÉ, 2011, p. 199). A morte de Jorge causa revolta na população, que levanta, inclusive, suspeitas sobre seu suicídio. Durante o cortejo, “Ao longo do percurso, as calçadas estavam cheias de gente, mulheres chorando, tristeza e revolta na fisionomia dos homens. – Nunca vi coisa igual em Caruaru – comentou Belmira” (CONDÉ, 2011, p. 227). O episódio instaura uma guerrilha dos habitantes contra Ariosto Ribas e seus capachos. Como líderes da revolta estão Reinaldo e Chico Lima. A cena em que o grupo decide ir até a casa de Ariosto é assim retratada:

À frente, Chico Lima e Reinaldo; também duas mulheres: Jovina e a rapariga Belmira. Seguiram para a Rua da Matriz, apanhando, de passagem, pedras e pedaços de tijolos. Como se esperassem aquilo mesmo, além dos cinco soldados, vários cabras de Ariosto Ribas tomaram conta da calçada da casa, rifles apontados na direção da turba. (CONDÉ, 2011, p. 228).

[...] toda a população deixou suas casas, não somente para demonstrar solidariedade à vítima das arbitrariedades de Ariosto Ribas, mas, sobretudo, para afirmar que os velhos tempos haviam-se acabado – a cidade já não aceitaria, sem reagir, a pressão odiosa do coronelato político. (CONDÉ, 2011, p. 231).

Os trechos citados revelam a indignação ética da população. A partir de então, o tirano perderia seu “trono”. As mudanças começam a surgir, como indicam os folhetos assinados por Antônio Teixeira que a população recebe em suas casas com a seguinte mensagem: “CARUARU EXIGE QUE SE PONHA TERMO ÀS ARBITRARIEDADES” (CONDÉ, 2011, p. 191). Antônio, Reinaldo e Chico Lima representam os condutores da ética na narrativa, a exemplo do comentário de Chico Lima, que, mesmo sendo contra Dondon – porque quando amante de Ulisses praticava junto com ele o abuso de poder –, diante da ordem de expulsão da “sujeita do coronel”, diz: “Também sou inimigo dela, mas, antes de tudo, inimigo de injustiças” (CONDÉ, 2011, p. 145). Esse trecho reflete bem a proposta do jornalista, que não é ser partidário, mas apoiar a sensatez coletiva, uma ética social. Tal perspectiva vai convergir com o apontamento de Costa Lima, em seu estudo sobre a tirania de Creonte, em Antígona, em que conclui:

No universo da polis não há lugar para o tirano, para o seu domínio do poder e da palavra. Com a democratização da polis, fica impossível a existência de um poder que não escuta. De uma palavra-verdade que pertence unicamente ao tirano. Multiplicam-se aqueles que lhe podem opor verdades. Ao espaço solitário do tirano vai se opor a polis. Alargaram-se os espaços do poder e da palavra às dimensões do grupo de cidadãos (LIMA, 2003, p. 273).

As considerações de Costa Lima parecem apropriadas para a trama de *Terra de Caruaru*. Reinaldo, Chico Lima e Antônio incitam um sentimento de coletividade na população caruaruense. Os discursos e práticas antes inquestionáveis agora se deparam com sua própria fragilidade. As ações dos Ribas passam a ser compreendidas como arbitrarias, cruéis e contra o benefício do povo. Os cidadãos se conscientizam de sua função e de seu poder, unindo-se em prol do bem comum, em uma ética conforme compreensão de Aristóteles e Hannah Arendt, para o bem da coletividade, focada na pluralidade e não no sujeito individual.

Considerações finais

Terra de Caruaru traz à tona, mediante a ficção, diversas estruturas presentes no processo de desenvolvimento do Brasil e, sobretudo, do interior pernambucano, dentre as quais este trabalho teve como foco principal as relações políticas pautadas no coronelismo narrado.

A cidade de Caruaru referenciada desvela uma sociedade que é, simultaneamente, vítima e cúmplice das atrocidades ordenadas pelos coronéis João Teixeira, que entra em cena nas origens da cidade, Ulisses Ribas, que já na Caruaru da década de 1920 é identificado como “seu chefe”, e Ariosto Ribas, o tirano que permanece na maior parte da narrativa e que leva ao seu clímax e desfecho.

Algumas considerações conclusivas podem ser indicadas, como o surgimento do tirano, na personagem Ariosto, que gera a indignação ética da sociedade e, conseqüentemente, o fim do sistema do coronelismo. Identificaram-se algumas semelhanças entre este tirano e o Creonte de Antígona. Semelhanças que são típicas de qualquer tirano: autoritarismo, intransigência, abuso do poder, entre tantas outras que caracterizam uma espécie de alto grau de narcisismo. Contudo, verificou-se que Ariosto demonstra-se pior tirano que o rei de Tebas, o que foi apontado como sintomático dos tiranos modernos, mais precisamente do século XX.

Desse modo, em *Terra de Caruaru*, tem-se uma comunidade que, durante anos, preserva um sistema moral de mandonismos e concentração de poder, mas que passa a conscientizar-se de sua situação, bem como se rebelar contra esse poder concentrado. A mudança emana da reflexão ética, que tem Reinaldo, Chico Lima e Antônio Teixeira como seus articuladores.

Todavia, como visto, a reflexão ética não é suficiente para que haja mudanças, é preciso uma *victa ativa*, nos termos de Arendt, ou seja, uma vida ativa, baseada na ação, não de um sujeito individual, mas da pluralidade. É a ação coletiva da população caruaruense contra Ariosto Ribas que vai historicizar sua tirania e o sistema moral coronelista. Como resultado, a cidade não é mais a mesma, tendo o desfecho do romance como “A Morte do Caruaru Velho”.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- ARENDDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. Trad. Rosaura Eichenerg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1985.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BARBOSA, Walmir. *Sociedade, ética e política*. Disponível em: <http://www.goiania.ifgoias.edu.br/cienciashumanas/images/downloads/monografias/monografias_sociedade_etica_politica.pdf> Acesso em: 06 de maio de 2013.
- BLITZ, Mark. Tyranny, ancient and modern. In: KOIVUKOSKI, Toivo; TABACHNICK, David Edward. (Eds.) *Confronting tyranny: ancient lessons for global politics*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2005, p. 9-24.
- BOESCHE, Roger. An omission from ancient and early modern theories of tyranny: genocidal tyrannies. In: KOIVUKOSKI, Toivo; TABACHNICK, David Edward. (Eds.) *Confronting tyranny: ancient lessons for global politics*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2005, p. 33-52.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CONDÉ, José. *Terra de Caruaru*. 6. ed. Caruaru: CEPE, 2011.
- COSTA, E. T. *A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé*. 2013. 295f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- LIMA, L. C. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- PERRONE-MOYSÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- REMAK, Henry. Comparative Literature, its Definition and Function. In: STALKNECHT, Newton; FRENZ, Horst (eds). *Comparative Literature: method and perspective*. Carbondale: Southern University Press, 1961.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Donald Schuler. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido da. *Conversando sobre ética e sociedade*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SWARNAKAR, Sudha. *The fallen woman in twentieth-century English and Brazilian novels: a comparative analysis of D. H. Lawrence and Jorge Amado*. 1998. 371f. Tese (Ph.D. in British and Comparative Cultural Studies) – University of Warwick, Coventry, 1998.
- ZUCKERT, Catherine. Why talk about tyranny today? In: KOIVUKOSKI, Toivo; TABACHNICK, David Edward. (Eds.) *Confronting tyranny: ancient lessons for global politics*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2005, p. 1-8.

Artigo recebido em março de 2016.
Artigo aceito em agosto de 2016.